



O novo cenário da logística: digital, inteligente e conectado

Gustavo Caetano (*)

Nos últimos anos, o setor de logística passou por uma grande revolução. Ele está no centro das operações de praticamente todas as indústrias, e evoluiu rapidamente com a digitalização, sensores conectados, análise de dados em tempo real e, principalmente, com a chegada da inteligência artificial aplicada de ponta a ponta nas cadeias de suprimentos

De acordo com um levantamento divulgado pela Allied Market Research, o mercado global de logística digital poderá atingir US\$ 155,3 bilhões até 2032, e esse crescimento é impulsionado pela busca por maior eficiência operacional, redução de custos e melhoria na rastreabilidade das cargas.

Visto que o segmento tem se tornado cada vez mais importante e relevante, é fundamental entendermos de que forma as novas tecnologias estão influenciando seu desenvolvimento, com foco especial nas aplicações mais promissoras e já consolidadas de IA. Elas estão ajudando empresas a reduzir custos, evitar falhas e ganhar escala com mais inteligência.

A logística tradicional, marcada por processos manuais, planilhas e decisões baseadas na experiência, está perdendo força e sendo substituída pouco a pouco por operações mais automatizadas, integradas e preditivas. Com a tecnologia certa, é possível realizar atividades que antes demoravam demais ou eram muito complexas, como monitorar ativos e cargas em tempo real, prever demandas e gargalos antes que aconteçam, automatizar tarefas operacionais e decisões repetitivas, reduzir custos de transporte e armazenamento e melhorar a experiência do cliente com mais agilidade e precisão.

Agora, no centro desse movimento, está a inteligência artificial aplicada ao segmento, que traz modelos de IA capazes de analisar múltiplas variáveis (trânsito, clima, janelas de entrega, restrições urbanas) e gerar rotas otimizadas em tempo real, reduzindo combustível, tempo de entrega e ociosidade de frotas. Além disso, com algoritmos preditivos, as companhias podem antecipar picos de demanda, ajustar estoques e evitar rupturas e excessos, com base em dados históricos, sazonais e até sociais (como influências de redes e tendências de consumo).

Outro ganho trazido pela IA é o monitoramento e manutenção preditiva de frotas, já que os sensores IoT aliados à tecnologia conseguem prever falhas mecânicas antes que ocorram, agendar manutenções com antecedência e evitar paradas não planejadas, aumentando a disponibilidade dos ativos. Há ainda os agentes conversacionais baseados em IA, que oferecem atendimento 24 horas por dia, sete dias por semana, com suporte para rastreamento de pedidos, agendamento de coletas, resolução de dúvidas e atualizações proativas.

Esses são apenas alguns exemplos de como a logística tem ganhado com o uso de novas tecnologias e se tornado mais digital, inteligente e conectada, liberando o tempo dos profissionais para que foquem em atividades mais estratégicas e que requerem o conhecimento humano. Esse cenário é muito positivo para as empresas, pois resulta em operações mais eficientes, redução de custos operacionais, menos falhas e mais velocidade na resposta ao mercado. Todos esses pontos são fundamentais para o sucesso dos negócios e tem ajudado a alavancar novos modelos operacionais, trazer maior competitividade e criar cadeias de suprimento mais resilientes.

(*) CEO e fundador da Sambatech.

Consórcio se consolida como alternativa ao crédito tradicional para carros e motos

Modalidade cresce de forma contínua e amplia participação nas compras de veículos no mercado interno

O consórcio de carros e motos segue ampliando sua participação no mercado automotivo brasileiro e já viabiliza uma em cada três aquisições de veículos no país. O avanço da modalidade reflete o crescimento consistente dos consórcios de veículos leves e motocicletas, que concentram a maior parte dos participantes ativos do sistema e respondem por parcela relevante das compras realizadas no mercado interno, de acordo com dados da Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (ABAC).

“O consórcio vem sendo cada vez mais utilizado como ferramenta de planejamento financeiro para quem deseja comprar ou trocar um carro ou uma moto, especialmente em um cenário de crédito mais restritivo”, afirma Marcelo Lucindo, CEO da Evoy Administradora de Consórcios. Segundo o executivo, a previsibilidade das parcelas e a ausência de juros são fatores decisivos para a expansão da modalidade.

Os números da ABAC indicam que os consórcios de veículos leves somam mais de cinco milhões de participantes ativos e apresentaram crescimento



contínuo nas vendas de cotas ao longo de 2025. No segmento de motocicletas, o desempenho também é expressivo, com mais de três milhões de consorciados ativos e participação relevante nas aquisições realizadas no mercado nacional. Em ambos os casos, as contemplações correspondem, potencialmente, a cerca de um terço das vendas internas, reforçando o papel do consórcio como alternativa estruturada ao financiamento tradicional.

A consolidação do consórcio ocorre em um ambiente marcado por juros elevados e maior cautela do consumidor na tomada de crédito. Nesse contexto, a modalidade se destaca por permitir o acesso programado ao bem, sem incidência de juros, com prazos mais longos e maior

previsibilidade financeira. “O consórcio não é uma decisão de impulso. Ele exige organização e planejamento, e isso tem se alinhado ao comportamento atual do consumidor brasileiro”, explica Lucindo.

A Evoy Administradora de Consórcios atua com foco nos consórcios de carros e motos, oferecendo soluções voltadas ao planejamento financeiro de médio e longo prazo. A empresa atende consumidores que buscam adquirir veículos novos ou usados, bem como aqueles que pretendem trocar de bem ao longo de 2026, utilizando o consórcio como instrumento de organização do orçamento familiar.

De acordo com a ABAC, os consórcios de veículos leves registraram cresci-

mento nas vendas de cotas e aumento no volume de créditos comercializados, enquanto as motocicletas apresentaram avanço significativo nos negócios realizados, impulsionados pela maior procura e pela elevação do tíquete médio. Esses indicadores reforçam a tendência de expansão sustentada da modalidade nos dois segmentos.

“O consórcio permite que o consumidor tenha poder de compra à vista no momento da contemplação, sem a pressão dos juros, o que faz diferença no planejamento financeiro”, destaca Marcelo Lucindo. Para ele, a modalidade tende a ganhar ainda mais relevância nos próximos anos, acompanhando a busca por soluções financeiras mais previsíveis.

Com a maior conscientização sobre educação financeira, o consórcio de carros e motos se consolida como uma alternativa estruturada para quem deseja adquirir um veículo de forma planejada. A expectativa é de que a modalidade continue ampliando sua participação no mercado automotivo, acompanhando o crescimento da demanda por soluções financeiras mais equilibradas e alinhadas à realidade econômica do país.

O impacto invisível do burnout de liderança

Daniel Spinelli (*)

O sofrimento emocional dos líderes é um dos temas mais negligenciados no ambiente corporativo, mesmo quando as empresas investem em programas de bem-estar para as equipes. Muitos gestores seguem operando no limite, sem um espaço seguro para reconhecer vulnerabilidades ou pedir ajuda, o que cria um fenômeno silencioso que afeta estratégia, clima, engajamento e performance. A Gallup mostrou que 70% da variação no engajamento de uma equipe é explicada diretamente pelo comportamento do líder e a McKinsey aponta que equipes cujos líderes demonstram empatia e autoconsciência apresentam até 25% mais produtividade. Ainda assim, o burnout de liderança permanece subdiagnosticado e subtratado.

A maioria dos líderes enfrenta uma pressão constante que combina metas agressivas, contextos voláteis, demandas emocionais dos times e escassez de tempo para reflexão. Dessa soma nasce a fadiga decisória, a rigidez cognitiva e a reatividade emocional, sintomas que passam despercebidos até se transformarem em conflitos, decisões precipitadas ou colapsos pessoais. Muitos gestores acreditam que precisam aguentar, reforçando uma cultura em que pedir ajuda é visto como fraqueza, o que sobrecarrega líderes e impacta diretamente os resultados da empresa.

Quando um líder está emocionalmente esgotado, os efeitos aparecem

em áreas críticas. A exaustão reduz a capacidade de analisar cenários e aumenta a impulsividade, gerando decisões de baixa qualidade que resultam em retrabalho e destruição de valor. A comunicação se torna defensiva, a paciência diminui e a escuta se enfraquece, o que fragiliza relações, compromete a segurança psicológica e reduz a criatividade. O engajamento das equipes cai, os conflitos aumentam e cresce a intenção de saída, elevando o turnover e criando rotinas tensas e pouco colaborativas.

Esse padrão é recorrente no Brasil e três fatores estruturais podem explicá-lo. A hiperoperacionalização consome a energia dos líderes em tarefas que poderiam ser delegadas ou automatizadas, reduzindo o espaço mental necessário para estratégia e autocuidado. A cultura da autossuficiência reforça a ideia de que líderes não podem demonstrar fragilidade, o que aprofunda o isolamento emocional. A falta de desenvolvimento interno completa o ciclo, já que a maioria dos programas forma para habilidades técnicas e não para consciência, gestão emocional e presença. Sem essas competências, as demandas do papel se tornam sobrecarga.

A autoliderança é a principal competência negligenciada nas organizações brasileiras. Ela envolve autoconsciência, autogestão emocional e clareza sobre prioridades, funcionando como um amortecedor que impede que a pressão externa se transforme em colapso interno. Líderes que dominam

autoliderança tomam decisões com mais calma, comunicam com mais clareza, constroem relações mais maduras, sustentam o clima emocional das equipes e reduzem drasticamente os ciclos de conflito. Esses atributos ajudam a explicar por que, segundo a Gallup, líderes emocionalmente saudáveis têm até três vezes mais chances de engajar seus times.

A metodologia das Quatro Dimensões da Liderança Consciente oferece um caminho objetivo para enfrentar o burnout de liderança ao desenvolver clareza para interpretar contextos, autogoverno para gerenciar emoções, relações construtivas para fortalecer confiança e resultados conscientes para equilibrar exigência e humanidade. Quando essas dimensões são fortalecidas, líderes aliviam a pressão interna e criam ambientes mais seguros, produtivos e alinhados ao propósito.

É preciso considerar que líderes também sofrem, e ignorar esse fato cobra um preço alto das organizações. Cuidar da saúde emocional da liderança não é gentileza, é estratégia. Empresas que investem em autoliderança, consciência e relações humanas maduras constroem equipes mais engajadas, culturas mais fortes e resultados mais sustentáveis. O futuro da performance está diretamente ligado à saúde emocional de quem lidera.

(*) Empreendedor, palestrante, mentor e autor do livro best-seller *A potência da liderança consciente, referência em liderança humanizada*. - E-mail: danielspinelli@nbpress.com.br

